

ROBERT e YOLANDA MURPHY

AS CONDIÇÕES ATUAIS DOS MUNDURUCÚ

(Com 2 mapas e 21 estampas)



Publicação n. 8

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA DO PARÁ

Séde provisória: MUSEU GOELDI

BELEM-PARA-BRASIL

1954

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA DO PARÁ

(Fundado em 27 de Setembro de 1947)

Sede provisória:

MUSEU GOELDI

Belém - Pará - Brasil

DIRETORIA EM EXERCÍCIO — Presidente: Eurico Fernandes; vice-presidente: Paulo Maranhão Filho; 1.º secretário: Napoleão Figueiredo; 2.º secretário: Inocêncio Machado Coelho; Tesoureiro: Gabriel Hermes Filho; bibliotecário: Expedito Coêlho Arnaud; diretor do Museu: Armando Bordalo da Silva; diretores das Publicações: Frederico Barata e José Coutinho de Oliveira.

PUBLICAÇÕES JÁ EDITADAS:

- N.º 1 — “ASPECTOS ANTROPO - SOCIAIS DA ALIMENTAÇÃO NA AMAZÔNIA”, por *Armando Bordalo da Silva* (2 mapas) — 1949
- N.º 2 — “A ARTE OLEIRA DOS TAPAJÓ — I. Considerações sobre a cerâmica e dois tipos de vasos característicos”, por *Frederico Barata*. (48 ilustrações). — 1950.
- N.º 3 — “HISTÓRIA E VOCABULÁRIO DOS ÍNDIOS UITOTO”, por *Nunes Pereira*. (Com 2 ilustrações) — 1951.
- N.º 4 — “ALGUMAS NOTAS SOBRE OS WAIANO E OS APALAI, DO RIO JARÍ”, por *Eurico Fernandes*. (Com 20 ilustrações) — 1952.
- N.º 5 — “CONTRIBUIÇÃO À ARQUEOLOGIA DA ILHA DE MARAJÓ — Os “tesos” marajoáras do alto Camutins e a atual situação da ilha do Pacoval, no Arari”, por *Peter Paul Hilbert*. (Com mapas e ilustrações) — 1952.
- N.º 6 — “A ARTE OLEIRA DOS TAPAJÓ” — III. Alguns elementos novos para a Tipologia de Santarém”, por *Frederico Barata* — (Com 10 ilustrações) — 1953.
- N.º 7 — “UMA INTERPRETAÇÃO DAS CULTURAS DA ILHA DE MARAJÓ”, por *Betty J. Meggers* e *Clifford Evans*. (Com 1 mapa e 10 estampas) — 1954.
- N.º 8 — “AS CONDIÇÕES ATUAIS DOS MUNDURUCÚ” — de *Robert* e *Yolanda Murphy*. (Com 2 mapas e 21 estampas) — 1954.
- S/N. — “UMA ANÁLISE ESTATÍSTICA DA CERÂMICA DE SANTARÉM”, por *Frederico Barata*. — Separata de “Cultura”, do Ministério da Educação e Saúde, Serviço de Documentação, Rio de Janeiro, feita especialmente para o Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará. (Com 98 ilustrações). — 1953.

Em preparação:

- N.º 9 — “A CERÂMICA ARQUEOLÓGICA DA REGIÃO DE ORIXIMINÁ”, por *Peter Paul Hilbert*.
- N.º 10 — “NOTAS SOBRE OS TEMBÉ DO ALTO GURUPÍ”, por *Max Boudin*.

Solicitações de permutas e correspondência devem ser dirigidas ao
INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA DO PARÁ

CAIXA POSTAL, 684

Belém - Pará - Brasil

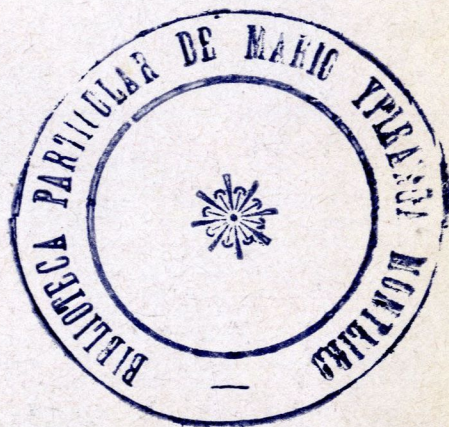
SEC
395921
- 860 -



ROBERT e YOLANDA MURPHY

AS CONDIÇÕES ATUAIS DOS MUNDURUCÚ

(Com 2 mapas e 21 estampas)



Publicação n. 8

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA DO PARÁ

Séde provisória: MUSEU GOELDI

BELÉM-PARÁ-BRASIL

1954

AmM
0250
Ex. 2



Este trabalho teve a sua impressão integralmente custeada pelo ROTARY CLUB DE BELÉM, por deliberação espontânea e unânime do Conselho Diretor de 1953-1954, sob a presidência do sr. Antonio Ferreira Vidigal, que assim resolveu prestigiar, ajudar e estimular, dentro do programa de ação rotária, a obra de divulgação científica e cultural da Amazônia que vem sendo empreendida pelo Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará.

PREFÁCIO

O material em que se baseia esta publicação foi colhido, pelos autores, num estudo de campo que realizaram entre junho de 1952 e junho de 1953. O objetivo da pesquisa era reunir toda a informação existente sobre a cultura aborígene dos índios Mundurucú e estudar as modernas alterações culturais entre eles. Esse empreendimento foi apoiado pelo Social Science Research Council, de Nova Iorque, e por uma William Bayard Cuttings Traveling Fellowship, concedida pelos Trustees of Columbia University, em Nova Iorque.

Os resultados contidos no presente trabalho representam apenas uma pequena porção da informação colhida e se destinam a familiarizar o leitor com as condições contemporâneas do povo Mundurucú e com a cultura que possui. Uma descrição e a análise completas da cultura primitiva e da aculturação dos Mundurucú serão apresentadas ao público em data futura.

Os sinatários desejam aproveitar esta oportunidade para expressar o seu reconhecimento e a sua gratidão aos muitos amigos e colegas do norte do Brasil. É difícil fazer agradecimentos individuais, uma vez que não encontramos senão bondade e cooperação durante a nossa mui aprazível permanência no Brasil. Todavia, o êxito do nosso trabalho muito fica a dever ao sr. George T. Colman, consul norte-americano em Belém, e ao dr. Frederico Barata, do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará. O major Peixoto e os demais membros da Força Aérea Brasileira tiveram a bondade de facilitar o nosso transporte, enquanto que o Serviço Especial de Saúde Pública, em Belém e Santarém, nos forneceu medicamentos e conselhos médicos. Tivemos integral cooperação do Serviço de Proteção aos Índios e desejamos significar, de modo especial, a nossa gratidão ao inspetor Fontes, da Agência de Belém. No rio Cururú, os padres e freiras da Missão São Francisco nos proporcionaram a sua mais calorosa hospitalidade. Gostaríamos de expressar, especialmente, o nosso reconhecimento a Frei Plácido Toelle, O. F. M., que tanto fez no sentido de tornar a nossa residência no Cururú mais confortável e mais produtivos os nossos estudos. Finalmente, a operosidade, lealdade e perseverança do nosso assistente de campo e amigo, sr. Francisco Manhuari, merece a nossa mais profunda gratidão.

Robert F. Murphy

Yolanda Murphy.

Universidade de Illinois, 1954.



A autora, Yolanda Murphy, com os meninos Mundurucú Joaquim, Vitorino, Sebastião e Emílio, em frente ao telheiro da fábrica de farinha, na aldeia de Missão Velha, no Rio Cururú

Os índios Mundurucú lograram fama, na história do Vale Amazônico, graças às suas propensões bélicas. Sua bravura como guerreiros atraiu fortemente a atenção das autoridades coloniais portuguesas, no passado século XVIII, quando a tribo lançou uma série de ataques ao sul do Amazonas, desde a confluência com o Madeira até o rio Tocantins. Os Mundurucú hostilizaram não somente os colonizadores como outras tribos indígenas das regiões do centro e do baixo Amazonas. O governo colonial logo fez as pazes com os Mundurucú, passando a utilizá-los como tropas mercenárias contra outros índios e, também, para combater as forças rebeldes, por ocasião da revolta dos Cabanos.

Aproximadamente 160 anos são passados desde o estabelecimento da paz entre os Mundurucú e os portugueses. Durante esse tempo a cultura mundurucú modificou-se grandemente em resultado do contacto e diminuíram consideravelmente a população e o território por esses índios ocupado.

Hoje, os Mundurucú que ainda preservam sua identidade característica somam aproximadamente 1.200, e estão localizados numa região limitada pela margem oriental do rio Tapajós e pelos rios Cururú e das Tropas, ambos tributários do curso d'água maior. Outros Mundurucú localizam-se nos rios Maués-Assú, Abacaxis e Canumá, no território compreendido entre o Madeira e o Tapajós, mas esse grupo, ao que se diz, perdeu quase que completamente a sua cultura aborígene e tem sido grandemente assimilado pela população brasileira local. Os autores deste trabalho também ouviram informações, não controladas, da existência de aldeias Mundurucú na região a leste de Aveiros, perto do baixo Tapajós. (*). Henry Bates, o naturalista inglês, encontrou agrupamentos dos Mundurucú no rio Cuparí, em 1852, e é possível que sejam descendentes deste grupo. (1)

Os autores visitaram, apenas, a população Mundurucú de início citada. Considerações de tempo e dificuldades de transporte tornaram inexequível uma investigação do segundo grupo, enquanto que a informação sobre o terceiro era por demais vaga e insegura para justificar a perda de tempo em que implicaria uma tentativa para confirmá-la.

HISTÓRIA DOS MUNDURUCÚ

Afim de compreender, com propriedade, a atual condição dos Mundurucú, é necessário voltar a atenção, ainda que resumidamente, para

(*) Nêste trabalho as denominações "alto" e "baixo", dadas ao rio Tapajós, distinguem-se como os trechos rio-acima e rio-abaixo, respectivamente, das Cachoeiras do Apuhy e Maranhão.

(1) Bates, 1863, p. 240.

a discussão das principais feições da cultura Mundurucú, antes do seu contacto com os brancos e, depois, para a história subsequente.

Cultura aborígene — Os Mundurucú eram um povo sedentário, que vivia em aldeias estáveis e levava uma existência baseada na agricultura de roça, caça, pesca e coleta de alimentos silvestres, nessa ordem de importância. Sua técnica agrícola e as plantas por êle cultivadas correspondem muito de perto às de outras culturas nativas da Amazônia. Mandioca amarga era a colheita básica. As mulheres desempenhavam a maior parte do trabalho nas roças, mas a derrubada da floresta era feita por todos os homens da aldeia, em cooperação, posto que cada roça pertencesse, teoricamente, a um determinado indivíduo. Na verdade, o produto da roça repartia-se pelas pessoas que habitavam a casa daquele homem e ulteriormente, de acordo com os vínculos de consaguinidade, era distribuído por toda a aldeia.

A caça era praticada quase que diariamente, por grupos de homens que empregavam técnicas coletivas, como a da armadilha e a do cerco. As únicas armas utilizadas eram o arco e a flecha. A pesca limitava-se grandemente à época da estiagem, quando a aplicação do timbó e o arpoamento do peixe, à margem do rio, com o arco e a flecha, se tornavam possíveis. Canôas escavadas não eram usadas pelos Mundurucú, muito embora as de casca de árvores, cuja manufatura aprenderam com os seus vizinhos Apiacá, fossem empregadas pelos bandos em guerra.

A sociedade Mundurucú se caracterizava pela presença de grupos de descendência unilinear. A população era dividida em metades, chamadas “vermelhos” e “brancos”, as quais, por sua vez, se subdividiam em mais de quarentas grupos. A participação nas *metades* e grupos constituía herança patrilinear. O sistema da nomenclatura do parentesco é do tipo geral, descrito, para os outros grupos de língua tupí, por Wagley e Galvão. (2) Era permitida a poligamia, muito embora essa prática ficasse geralmente limitada aos chefes e homens idosos. O matrimônio era matrilocal, isto é, o homem residia, permanentemente, na aldeia de sua mulher, e tornava-se membro integrante de sua família.

A aldeia consistia da casa-de-homens e de três ou cinco casas de moradia, dispostas num círculo, em volta de uma praça central limpa. As localizações preferidas eram situadas no cimo das colinas cobertas de relva, na região de planaltos áridos e na de floresta a leste do Tapajós, entre os sexto e oitavo paralelos de latitude sul. Êsses locais proporcionavam maior segurança contra os ataques dos inimigos e ficavam relativamente livres dos insetos que tão desagradável tornam a vida ao longo dos principais cursos d'água.

A aldeia era uma unidade política autônoma e a liderança estava em mãos do chefe e dos homens mais velhos.

A instituição da casa-de-homens tinha grande importância para a sociedade Mundurucú. Os homens comiam, dormiam, trabalhavam, re-

(2) Wagley e Galvão, 1946.

pousavam e se reuniam em conselho dentro daquele recinto. Era ali, também, que se tocavam as trombetas sagradas, defendidas da vista das mulheres. Apenas estas e as crianças ocupavam as casas de moradia. A casa-de-homens formava um núcleo dentro de cada aldeia, onde os homens, que via de regra vinham de diversas aldeias, na conformidade dos dispositivos residenciais post-casamento, se integravam numa unidade cooperativa, coesa e efetiva, tanto na guerra como nas necessidades econômicas diárias. Os sexos não apenas residiam separadamente, entre os aborígenes Mundurucú, mas havia, também, profunda divisão entre eles na participação social e religiosa e na divisão do trabalho.

A religião dos Mundurucú se baseava, principalmente, na prática do shamanismo e na crença no espírito dos animais silvestres, peixes e plantas ambientes, às quais se referiam como "mães" da espécie em particular. Era para agradar a esses espíritos que os Mundurucú efetuavam grandes cerimônias inter-aldeias, durante quase todas as estações chuvosas. A prática do shamanismo parecia-se com a comum à Amazônia e gravitava em torno da extração de um objeto maligno do corpo de uma pessoa enferma, pela aplicação de fumaça de tabaco e sucção. O objeto, ou *caushi*, deveria, segundo pensavam, ter sido introduzido por um feiticeiro, o qual, se descoberto, era invariavelmente executado.

As lendas dos Mundurucú, no que tange à criação, se centralizavam nas atividades do seu principal herói cultural, Karusakaibô. Dessas lendas basta dizer que eram únicas na América do Sul.

As fontes da fama dos Mundurucú e o foco dos seus interesses próprios era a guerra. Os grupos guerreiros recrutavam voluntários de inúmeras aldeias, sempre deixando, em cada uma delas, homens em número suficiente para fins de defesa e para prover à subsistência dos que eram deixados atrás. Dois chefes, de renome e bravura, dirigiam o grupo guerreiro, mas eram orientados ou aconselhados pelos outros chefes da aldeia e pelos velhos. Dois guerreiros experimentados, pertencentes a uma sociedade conhecida como a *muchachá anyen*, acompanhavam cada expedição e eram os guardiães de uma trombeta de guerra conhecida como *pem*. O sinal de ataque era dado nesse instrumento, pelos dois *muchachá* sob a direção dos líderes.

Os guerreiros eram acompanhados por suas esposas, que preparavam os alimentos, faziam fogo e transportavam redes e utensílios na jornada em direção à terra do inimigo. Essas expedições eram habitualmente iniciadas no começo do verão e frequentemente concluídas antes das primeiras chuvas. Muitos grupos guerreiros, todavia, não retornavam senão após um ano ou ano e meio.

A estratégia comum de cercar a aldeia inimiga e atacar de madrugada era a empregada pelos Mundurucú. No momento do ataque, flechas flamejantes eram lançadas sobre os telhados da aldeia sitiada e os guerreiros irrompiam da floresta circunvizinha, soltando gritos aterradores. Todos os adultos inimigos eram mortos e suas cabeças seccionadas

e conduzidas como trofeus. As crianças eram levadas para serem adotadas pelos captores e criadas como Mundurucú.

A prática da apreensão de cabeças era de suma importância para o sistema de valores dos Mundurucú. O efeito mágico das cabeças secas trazia abundância de animais silvestres aos caçadores Mundurucú e, a par disso, simbolizava o orgulho dos mesmos no que dizia respeito às suas façanhas guerreiras. O guerreiro que conduzia o trofeu adquiria prestígio e glória e tornava-se responsável pela organização das cerimônias relacionadas com a cabeça-trofeu, cerimônias que se realizavam num ciclo durante três estações chuvosas consecutivas, depois da guerra.

Aculturação — A primeira menção aos Mundurucú os situa no rio Maués-Assú, em 1768. (3) Almeida Serra, todavia, designa o alto Tapajós como seu domicílio, e foi ali que as tropas coloniais lutaram contra eles, em 1795. (4).

Também os exploradores alemães Spix e Martius visitaram os Mundurucú da região entre o baixo Madeira e o Tapajós, mas situaram o centro de sua força no alto Tapajós. (5).

A literatura etnológica moderna tem incluído as regiões do baixo Tapajós e dos rios Maués-Assú, Abacaxi e Canomá, como parte do território aborígene dos Mundurucú. (6) E' crença dos autores, todavia, que essa região foi penetrada pelos Mundurucú somente depois que a tribo começou suas incursões contra os agrupamentos de outros índios e portugueses, daquela área. Em aditamento aos fatos mencionados anteriormente, outra informação parece corroborar essa conclusão. Primeiro, não há alusão aos Mundurucú pelos crônistas jesuitas, como informa Betendorf. (7). Segundo, todos os observadores de primeira mão dos Mundurucú da região do Madeira dizem que eles mantinham intensas relações comerciais com as missões e com os negociantes portugueses. (8) Terceiro, salvo as embarcações provisionais, utilizadas durante a guerra, os aborígenes Mundurucú não recorriam ao transporte por água. Isso representa uma adaptação ao território alto, aberto, a leste do Tapajós, de preferência às terras baixas do setor entre o Tapajós e o Madeira. Quarto, o movimento de gente, do alto Tapajós para as proximidades dos comerciantes do rio Madeira, continuou através do século XIX. Chandless, em 1870, menciona a chegada recente dos "campineiros" tatuados (nome ainda aplicado aos Mundurucú habitantes das savanas), nas terras altas do rio Maués-Assú. (9) Também Coudreau diz que, em 1895, os negociantes do rio Madeira estavam ainda recrutando grupos

(3) Monteiro Noronha, 1862.

(4) Almeida Serra, 1869, pp. 4-5.

(5) Martius, 1867, p. 394.

(6) cf. Horton, Donald, 1948.

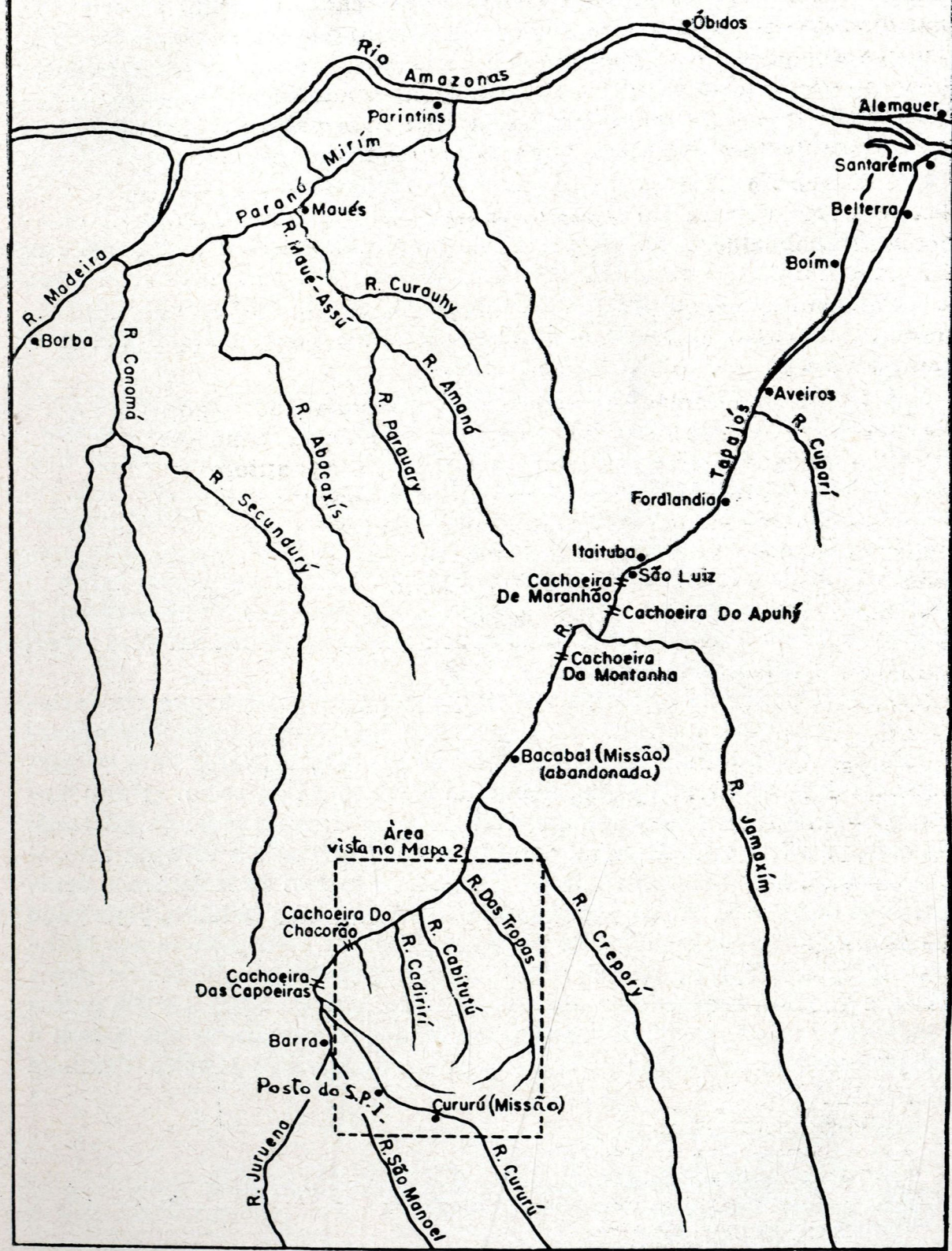
(7) Betendorf, 1910.

(8) Cf. Spix e Martius, 1831; Agassiz, 1869; Chandless, 1870.

(9) Chandless, 1870, pp. 424-5.

MAPA I

REGIÃO DOS RIOS TAPAJÓS E BAIXO MADEIRA



guerreiros dos Mundurucú, como mercenários, para lutar contra os índios não pacificados do Madeira. (10)

O motivo básico dos movimentos migratórios para as regiões do baixo Madeira e Tapajós parece ser o desejo dos índios de obterem artigos manufaturados, especialmente utensílios de ferro. No baixo Tapajós alguns Mundurucú foram reunidos em missões, enquanto outros viviam em aldeias separadas, sob a autoridade geral dos “capitães de trabalhadores”. As populações das missões decresceram firmemente, durante o século XIX. Como exemplo, Coudreau cita as estatísticas populacionais da velha missão de Uxituba, perto da atual cidade de Itaituba. (11) Em 1833, Uxituba contava com 485 aborígenes Mundurucú; em 1848, com 343; em 1869, com 100; e em 1895 com 50, que estavam então quase completamente aculturados. À semelhança, os Mundurucú visitados por Bates, em 1852, já estavam vestidos, vivendo em residências isoladas, e não mais seguiam a prática da tatuagem. (12) O baixo Tapajós apresentava um caso claro de assimilação gradual da população indígena dentro do tipo “caboclo”, da Amazônia.

A perda de cultura e a assimilação foram igualmente rápidas para os índios que viviam entre o Tapajós e o Madeira. Como já foi anteriormente citado, jamais houve qualquer menção de agrupamento do tipo aborígene, naquela região. A senhora Louis Agassiz, que viajou pelo rio Maués-Assú, em 1865, descreveu como “civilizados”, ali, muitos Mundurucú. (13) Ela esteve numa aldeia indígena, naquele local, que possuía uma igreja visitada periodicamente por um padre. Alguns dos índios falavam português, todos usavam roupas e apenas um era tatuado. Somavam-se à população da aldeia muitos Mundurucú que se achavam em suas roças, espalhadas pelas vizinhanças.

Tôda a evidência histórica aponta para a conclusão de que, em meados do século XIX, a cultura aborígene dos Mundurucú estava desaparecendo nas regiões periféricas. Conservava-se, todavia, mais bem preservada na área do alto Tapajós, domicílio tradicional da tribo. O alto Tapajós se mantinha relativamente livre do primitivo comércio do guaraná, da salsaparrilha e da farinha, que tão grande influência teve na alteração cultural dos Mundurucú da periferia. Esse estado de isolamento comparativo não durou muito, pois o comércio da borracha já havia penetrado no alto Tapajós em meados do século XIX. Bates, referindo-se aos Mundurucú, àquela época, diz (14): “Eles fazem grandes plantações de mandioca e vendem o excedente, que vai, no Tapajós, de 3.000 a 5.000 cestos (cada um pesando 60 libras), anualmente, aos comerciantes que sobem o rio, procedentes de Santarém, entre os meses de Agosto e Janeiro. Também

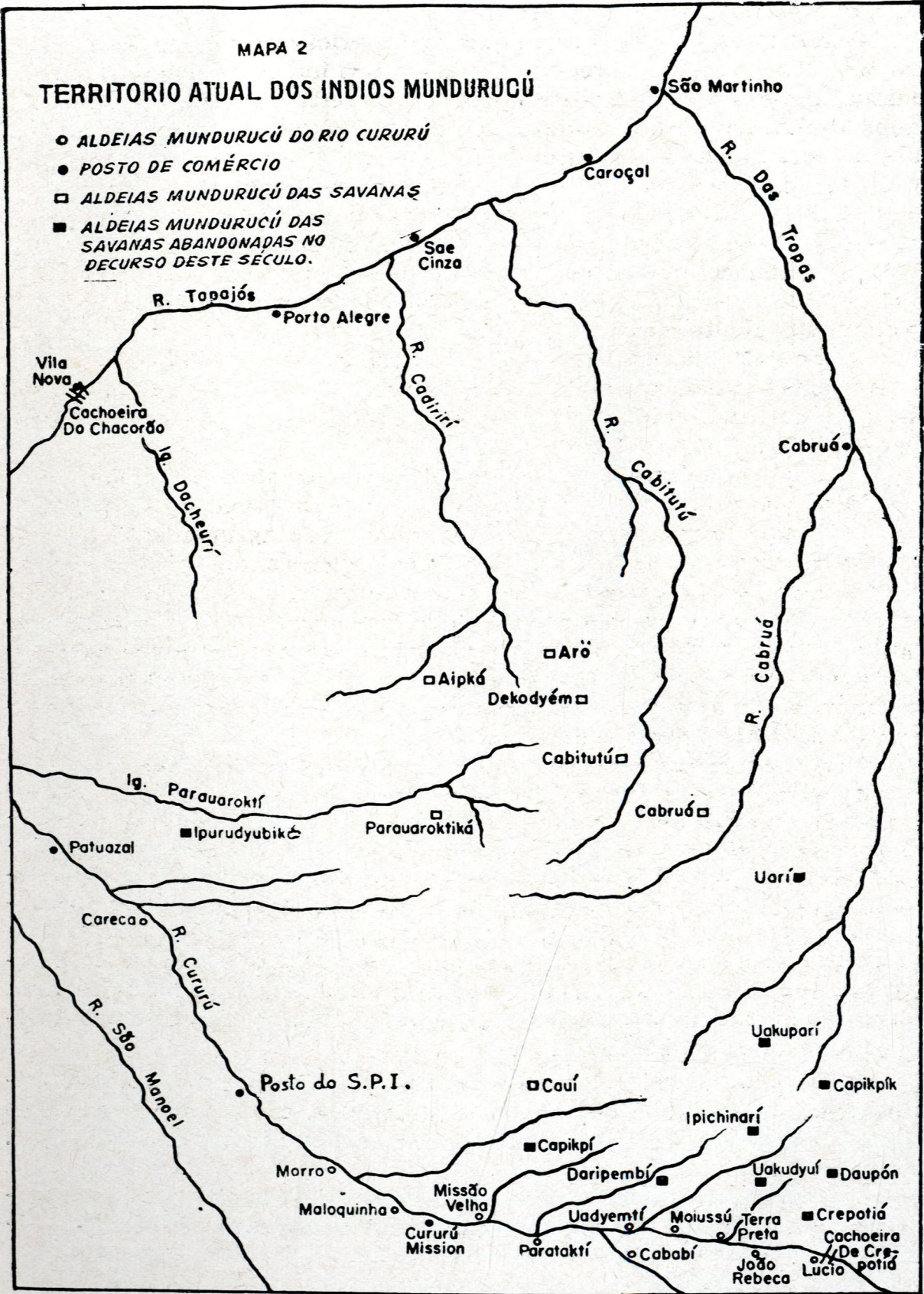
(10) Coudreau, 1897, pp. 39-40.

(11) Ibid, 1897, p. 8.

(12) Bates, 1863, pp. 242-3.

(13) Agassiz, 1869, p. 307.

(14) Bates, 1863, pp. 243-4.



colhem grandes quantidades de saísaparrilha, berracha e cumarú, nas florestas. Os comerciantes, à sua chegada às campinas (região de escassas florestas habitada pela porção principal dos Mundurucú, além das cataratas) têm, primeiramente, que distribuir suas mercadorias — roupas de algodão barato, machadinhas de ferro, artigos de cutelaria e cachaca — entre os chefes de menor categoria, e aguardar, depois, 3 ou 4 meses, pelo reembolso em produtos”.

Tal modo de comerciar com os índios, através dos chefes, começou a desaparecer somente nos últimos anos em algumas aldeias Mundurucú. É de alguma importância sociológica, pois tem tido o efeito de preservar o prestígio do chefe e a coesão da aldeia, durante um periodo em que o decréscimo das atividades bélicas estava contribuindo para um resultado oposto. Os comerciantes eram inescrupulosos em suas transações com os chefes analfabetos. Antonio Tocantins, engenheiro que visitou os Mundurucú das savanas, em 1875, examinou a conta de um dos chefes, a qual mostrava que ele tinha um débito de mais de 6 contos de réis, uma soma fabulosa para aquela época. Referindo-se a essa conta, disse Tocantins: “Por ela se vê que as mercadorias foram vendidas ao índio com uma porcentagem de mais de 400 por cento de lucro”. (15)

No início eram as transações feitas, em sua maioria, pelos “regações” ou comerciantes itinerantes, de Itaituba e Santarém. Na segunda metade do século XIX a crescente importância da borracha resultou na definição dos direitos a certos territórios produtores de hévea, e o bem conhecido sistema do “patrão” local e do “aviador” tornou-se firmemente estabelecido. Isso e a Missão de Bacabal, de curta duração, resultaram num crescente contacto entre os Mundurucú e a ascendente população brasileira. Muitos Mundurucú vieram se colocar de modo mais amplo sob a influência dos patrões e se transferiram permanentemente para as margens do Tapajós. Os outros Mundurucú, que permaneceram no distrito das savanas a leste do rio, reuniam borracha nas margens dos tributários orientais do Tapajós, durante o verão, retornando às suas aldeias no inverno. A participação desses Mundurucú no comércio da borracha era menor que a dos outros que residiam em caráter permanente entre os civilizados, porque a necessidade de queimar e plantar suas roças forçava-os a uma volta, cedo, às suas aldeias. Também ainda se viam envolvidos em guerras esporádicas, que diminuiam, assim, o tempo dedicado à extração de borracha.

De acordo com os relatos de Tocantins e Coudreau, a cultura primitiva dos Mundurucú das aldeias das savanas, comumente designados como “campineiros”, permaneceu bem conservada, através do século XIX. Persistiu o complexo dos padrões de cultura em torno da guerra, bem como persistiram as grandes cerimônias das estações chuvosas, em honra do espírito “mãe” das espécies animais. A organização dos homens fi-

(15) Tocantins, 1870, p. 150.

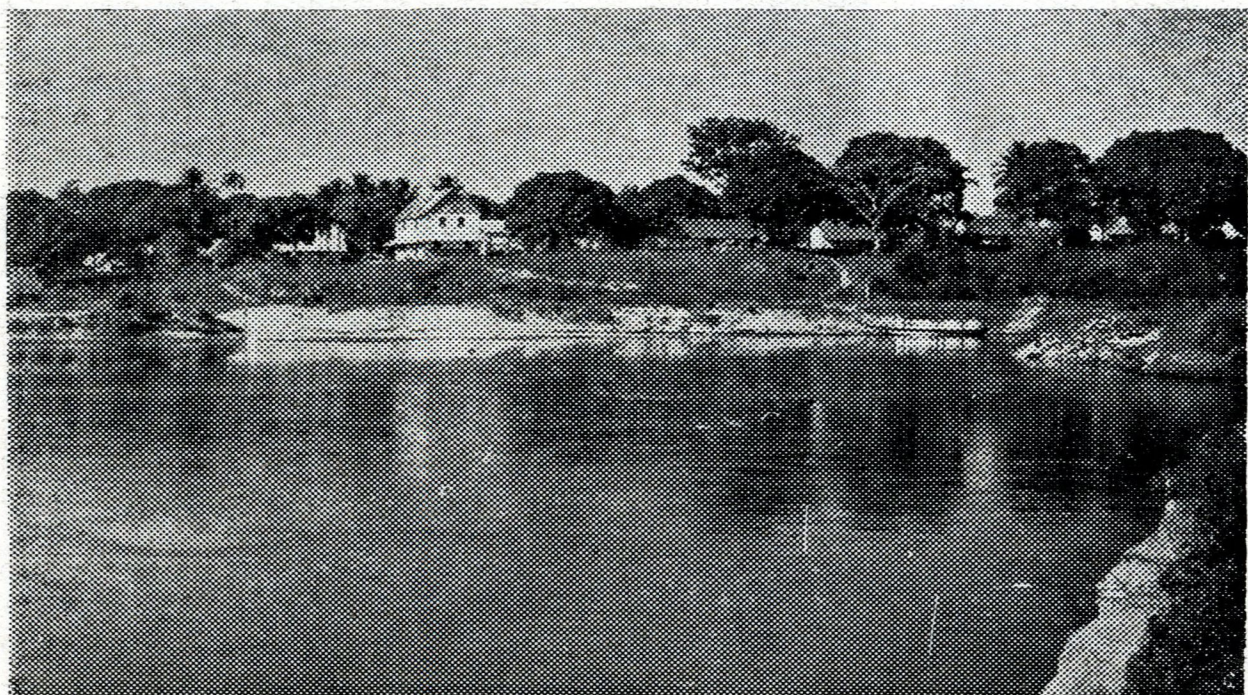
cou intacta e o sistema de consanguinidade permanecia como fator de direção da sociedade Mundurucú. As maiores alterações tiveram lugar, indubitavelmente, no terreno da cultura material. A introdução de armas de fogo, ferramentas e utensílios de metal, roupas manufaturadas e vários outros artigos de comércio, deslocou muitos objetos da manufatura Mundurucú. De igual maneira, isso solidificou a dependência dos Mundurucú, no que tange ao comércio com o homem branco.

No período 1911-14, três circunstâncias, de considerável importância na história da cultura Mundurucú, se registaram. A primeira foi o declínio dos preços da borracha, a segunda o fim das atividades bélicas, após um período de gradual trégua, e a terceira o estabelecimento da Missão São Francisco, no rio Cururú, pelos padres da Ordem Franciscana, no ano de 1911. O primeiro acontecimento provavelmente teve o efeito de prolongar a existência da cultura Mundurucú, enquanto que os dois últimos contribuíram, eventualmente, para a sua dissolução. A queda dos preços da borracha retardou, temporariamente, a incorporação dos índios à economia local. O fim das guerras roubou aos Mundurucú a sua principal razão de ser, e muito contribuiu para causar o fenômeno da "perda de interesse" na cultura nativa, que é tão comum entre os índios no processo da aculturação. A missão acelerou esse processo, através da catequização. Os padres se esforçaram por atrair os campineiros para as margens do Cururú, com resultado medíocre, até fins da década de 1920. Aquela altura, o preço da borracha, no mercado mundial, subiu, em virtude das restrições à exportação impostas às plantações da Maláia britânica. Como resultado, os índios entraram em relações comerciais mais desenvolvidas com a missão e vieram, em grande número, cortar borracha às margens do Cururú. Com o tempo esses índios seringueiros tornaram-se residentes permanentes do curso d'água. O preço aumentado proporcionava uma retribuição melhor aos índios, pela sua borracha, e o comércio regular e os preços baixos de mercadorias que eles podiam esperar dos padres deram maior incentivo para o trabalho nas estradas de seringa.

A população que se transferiu para o Cururú assumiu grandes proporções. Todas as aldeias das savanas, perto do curso d'água, ficaram deshabitadas e eventualmente abandonadas, enquanto que as aldeias das savanas ao norte sofreram uma perda de população. Hoje, a maioria dos Mundurucú está localizada no rio Cururú e é auto-conscientemente e culturalmente distinta daquela que ficou nas velhas aldeias das savanas. Atualmente é possível distinguir três grupos de Mundurucú. O primeiro, constituído dos campineiros remanescentes; o segundo, da população do Cururú, e o terceiro dos que vivem em meio à população brasileira do Tapajós.

O MODERNO RIO TAPAJÓS

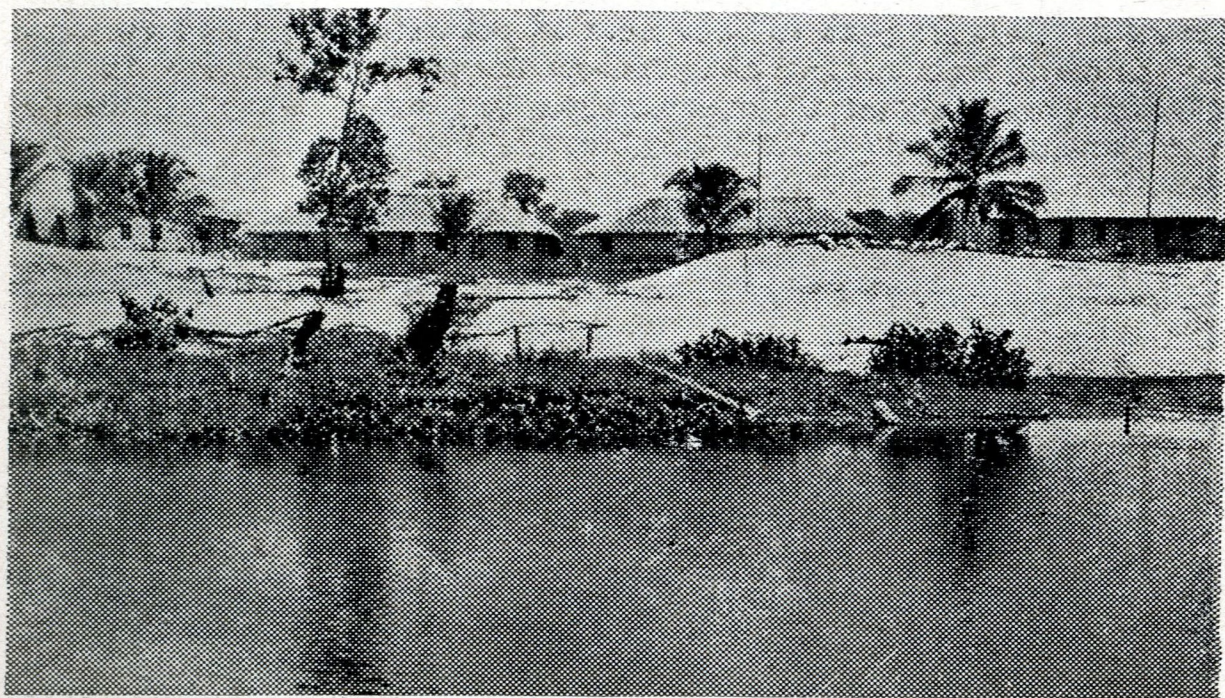
Antes de levar avante o objetivo principal deste trabalho é necessário colocá-los dentro do contexto da sociedade brasileira e da economia



Missão São Francisco, Rio Cururú

do alto Tapajós. É bem de salientar que o alto Tapajós é, geográfica e economicamente, distinto do baixo Tapajós. Acima das primeiras cachoeiras as dificuldades para vencê-las são de tal monta que o único produto importante, cujo valor torna produtivo o seu transporte, é a borracha. Peles silvestres e castanha constituem exportação secundária. O baixo Tapajós é muito mais diversificado. Ali, a borracha é de importância menor, enquanto que os produtos agrícolas, o gado, a madeira e a juta são de maior valor para a economia. De vez que o alto Tapajós é navegável somente, e a duras penas, por lanchas Diesel de pequeno calado, as quais conduzem nada além de 14 toneladas de carga, é difícil imaginar, nas atuais circunstâncias, uma diversificação idêntica da sua economia.

Todavia, até mesmo o atual preço da borracha, sustentado pelo governo, é aparentemente insuficiente para cobrir o custo da produção e do transporte e, ao mesmo tempo, proporcionar à população um padrão de vida adequado. O sistema comum, na Amazônia, de relações de crédito, que vai do seringueiro ao patrão, ao aviador, aos comerciantes de Belém e, em última análise, ao Banco da Amazônia, é o que existe no Tapajós. Embora alguns seringueiros e patrões, em localidades favorecidas, possam ter lucros, a insolvência ou marginalidade é habitual entre os demais. O tipo médio de seringueiro trabalha do nascer ao pôr do sol na colheita e preparo do latex e, frequentemente, comparece depois ao rio para pescar. Na maioria das vezes ele não possui uma roça, em virtude de lhe não sobrar tempo das obrigações assumidas para com o pa-



O Posto Indígena Mundurucú, do Serviço de Proteção aos Índios, no Rio Cururú

trão, ou em consequência de uma apatia geral ou sentimento de desesperança. O seringueiro é em geral o cearense que vem às regiões da borracha para escapar à “sêca”, na esperança de obter prosperidade, mas termina quase sempre como um devedor insolvente. Desde que, de um modo geral, ele não possui nem mesmo uma roça, tem que comprar tudo de quanto precisa para viver. Seu débito cresce e ele se vê envolvido mais fundamente e de maneira intrincada pelos tentáculos do sistema de crédito.

A população do Tapajós é largamente espalhada devido às exigências particulares, de natureza ecológica, de corte da borracha. O entreposto comercial da Barra, na confluência dos rios São Manoel e Jurue-na, é o único núcleo que merece a denominação de “aldeia”. Os barrações dos vários patrões concentram outros pequenos agrupamentos de até seis casas. Em todo o Tapajós, acima de São Luiz, não há facilidades no tocante à educação e, exceto no novo aeródromo de Jacaré Acanga, nenhum recurso médico de qualquer espécie. Na verdade, em vários sentidos, os Mundurucú estão em situação melhor do que os civilizados, de vez que facilidades médicas e educacionais, grátis, são encontradas no rio Cururú, tanto na Missão São Francisco como no posto do Serviço de Proteção aos Índios. E também, como eles devotam mais tempo à procura de alimentos, comem melhor do que os civilizados. Finalmente, os preços das mercadorias são mais baixos, pelo menos no rio Cururú.

É interessante notar que muitos seringueiros abandonaram suas estradas de borracha para trabalhar em Jacaré Acanga, um dos aérodromos de emergência da nova série, na rota Rio de Janeiro-Manaus. Ali, ganham apenas 35 cruzeiros por dia, enquanto que um dia de colheita de borracha pode proporcionar-lhes várias vezes essa quantia. Todos concordam, todavia, em que trabalhar como operário é mais lucrativo, porque recebem grátis assistência médica, a mercadoria pode ser adquirida pelo preço de custo, em Santarém, e ganham dinheiro durante o ano todo. A razão mais importante por eles alegada é sempre esta: "A mercadoria do patrão custa demais".

O que acima foi dito é a matriz em que muitos Mundurucú foram assimilados e da qual todos, provavelmente, algum dia, se tornarão parte. Sob as atuais circunstâncias é duvidoso que a assimilação da população indígena se constitua um objetivo moralmente defensável.

OS MUNDURUCÚ CONTEMPORÂNEOS

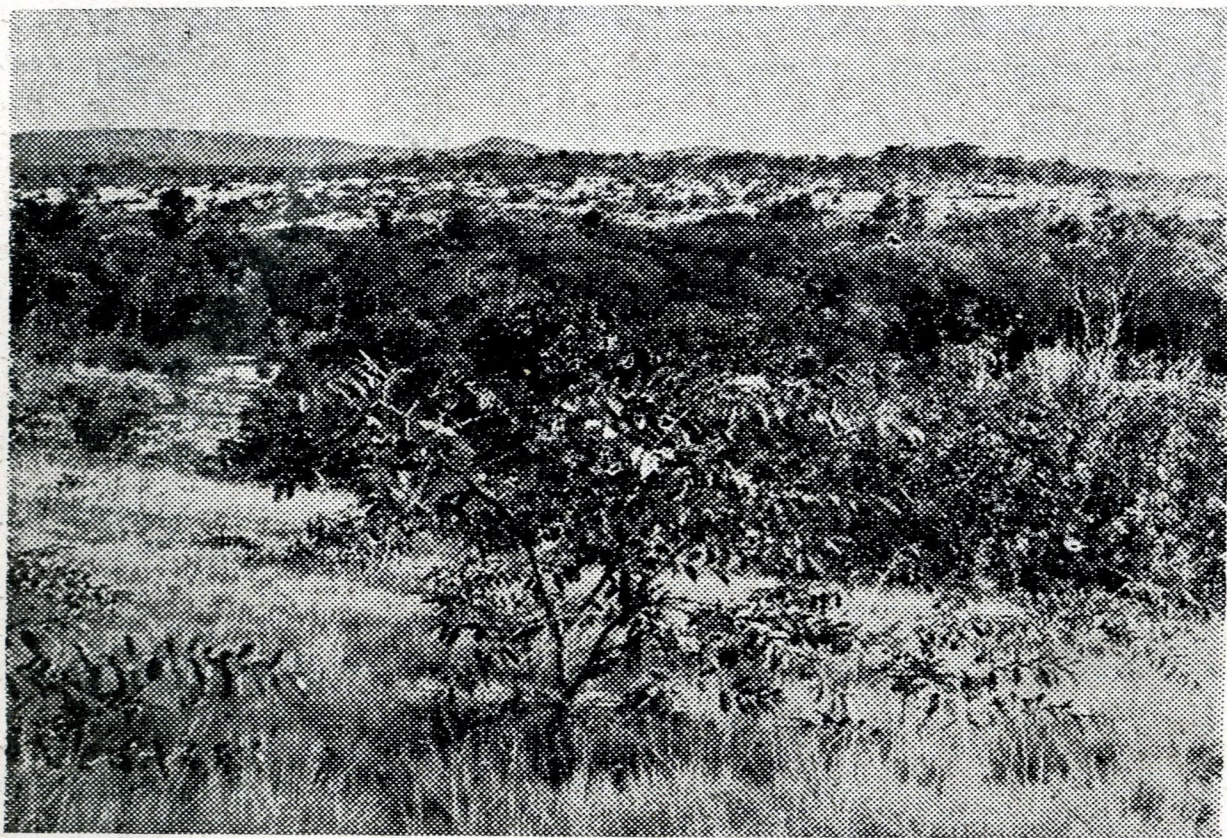
Os modernos Mundurucú somam aproximadamente 1.200. Isso representa uma considerável perda populacional desde o século XIX ⁽¹⁶⁾, quando os cálculos oscilavam dos ⁽¹⁷⁾ 40.000 de Spix e Martius, em 1819, aos 18.910 de Tocantins em 1875 e os 1.429 de Coudreau, em 1895 ⁽¹⁸⁾. É provável que os cálculos de Spix e Martius e de Tocantins estejam grandemente exagerados, enquanto que os de Coudreau são algo baixos, para 1895. O cálculo estimativo que fazemos da população de meados do século XIX, dos Mundurucú, baseando-nos na informação de pesosas e fontes históricas, é de pouco além de 5.000. O declínio na população Mundurucú pode ser atribuído às mortes por doenças epidêmicas introduzidas pelo homem branco, e, também, ao processo da assimilação, anteriormente descrito. Durante os anos recentes a população Mundurucú se tem mantido relativamente estável. Dessas 1.200 pesosas, cerca de 350 vivem nas restantes aldeias das savanas, 700 são residentes do rio Cururú e cerca de 200 vivem no rio Tapajós, entre a população civilizada, e só têm contactos esporádicos com os outros Mundurucú. Não há mais qualquer comunicação entre os Mundurucú da região do Tapajós e os remanescentes aculturados nas águas do Madeira. Muitos informantes sabiam da existência destes últimos apenas através de notícias vagas e da tradição.

Antes de entrarmos na apreciação dos Mundurucú de cada um dos três grupos mencionados, algumas considerações de ordem geral sobre o estado da cultura dos Mundurucú são necessárias. A perda de cultura foi geral, porém os mais afetados têm sido os residentes das margens do Tapajós, enquanto que os mais conservadores, culturalmente, são os "campesinos" das aldeias das savanas. Entre todos a guerra é apenas uma lembrança. Não há nenhum Mundurucú vivo que tenha realmente

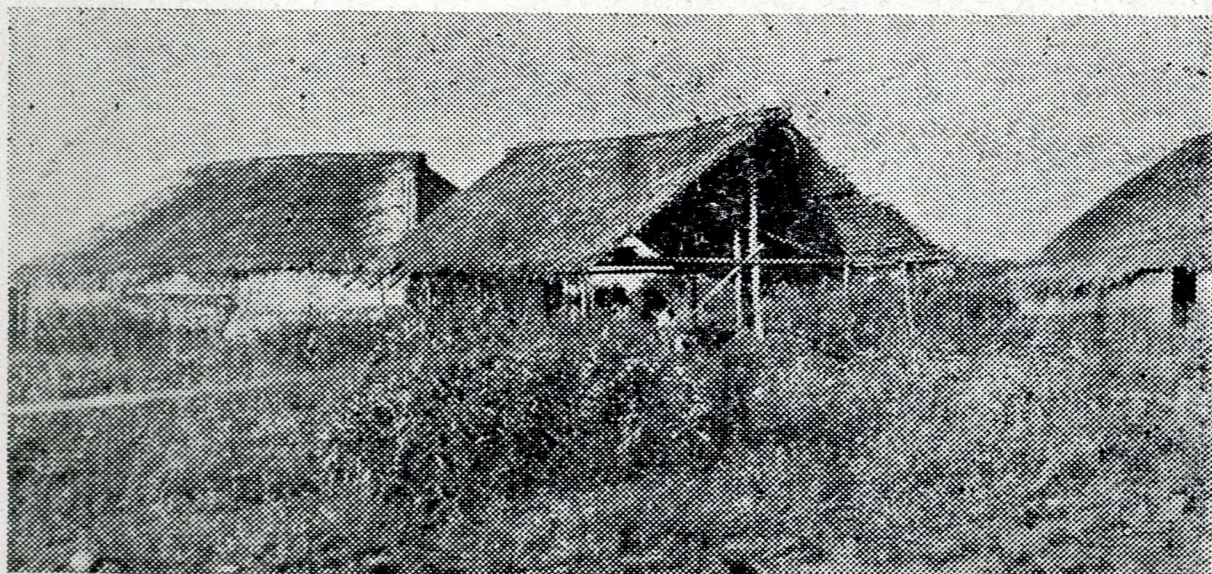
(16) Martius, 1867, p. 390.

(17) Tocantins, 1877, p. 101.

(18) Coudreau, 1897, p. 166.



Vista de Cabruá para o sul. É uma região de campos e galerias de floresta



Aldêia de Cabruá, nos Campos Gerais do Tapajós, mostrando duas das suas cinco casas e a casa da farinha

participado de uma expedição guerreira, embora alguns velhos informantes relembrem aqueles dias idos. As tradições e histórias de guerras, todavia, são bem recordadas, especialmente pelos homens mais velhos, que olham nostálgicamente para os tempos da glória Mundurucú. A falta das cabeças secas dos inimigos, em torno das quais giravam as festas, as cerimônias guerreiras cessaram com o fim das atividades bélicas.

A despeito de uma recente e algo apática revivescência do *dajea ruparip*, ou cerimônia do espírito "mãe" dos animais silvestres, todo o ciclo cerimonial da estação chuvosa, dos Mundurucú, caiu em desuso. Até cerca de 10 anos atrás essa cerimônia tinha lugar frequentemente. O *arairai*, substancialmente a mesma cerimônia, porém de maior duração, não é levado a efeito há mais de 20 anos. Outros cerimoniais de natureza religiosa são, agora, praticados somente pelos campineiros.

O shamanismo ainda é exercitado, entre todos os Mundurucú, malgrado a confiança que depositam na eficácia dos remédios modernos. Não é incomum, por exemplo, ver um índio pedir medicamentos na missão ou no posto do S. P. I. e, depois, visitar o pagé. Maior fé é depositada nos métodos curativos do último. Em virtude do término de suas funções cerimoniais, o pagé Mundurucú é hoje apenas um curandeiro. A crença, todavia, de que os maus pagés praticam bruxaria ainda é viva e de vez em quando um é executado tanto nas savanas como no rio Cururú.

Influências ocidentais são óbvias em muitos aspectos da cultura. O *paresoi*, uma dança secular, em círculo, na qual as feras são imitadas, está sendo rapidamente desbancado pelas danças brasileiras do samba e do "fox-trot". Muitos índios tocam violão e essas danças se realizam durante a estação chuvosa. A divisão dos sexos mantém-se, mesmo nesses divertimentos ao estilo brasileiro. Durante as danças os homens sentam-se de um lado da sala, enquanto que as mulheres se postam do lado oposto. Quando se inicia a música os homens levantam-se e sacodem a mão, bruscamente, em direção à dama escolhida. Esta logo atende ao chamado e começam a dançar. Tôda uma tarde pode passar sem que uma simples palavra seja trocada entre os representantes dos dois sexos.

A presença de mercadorias manufaturadas é notada por tôda a parte. Isso varia entre os três grupos, de acordo com a ordem de conservadorismo cultural já por nós assinalado anteriormente. Todos os Mundurucú possuem agora roupas e algumas mulheres têm a necessária habilidade para fazê-las e remendá-las. Vasilhas e panelas de metal são comumente usadas, como o são pratos e colheres. A lista de objetos comerciais, que se encontram numa aldeia Mundurucú de tipo médio, é longa. Armas de fogo, pontas de arpão, anzóis para pesca e linhas, redes, mosquiteiros, facas, terçados, machadinhas, contas de vidro, perfume e brilhantina, latas de Flandres, tesouras e agulhas são, apenas, uma relação parcial. Uma vez que penas três ou quatro Mundurucú sabem como fazer canoas, estas, também, são frequentemente da manufatura alheia.



A Aldêia Mundurucú de "Morro", no Rio Cururú

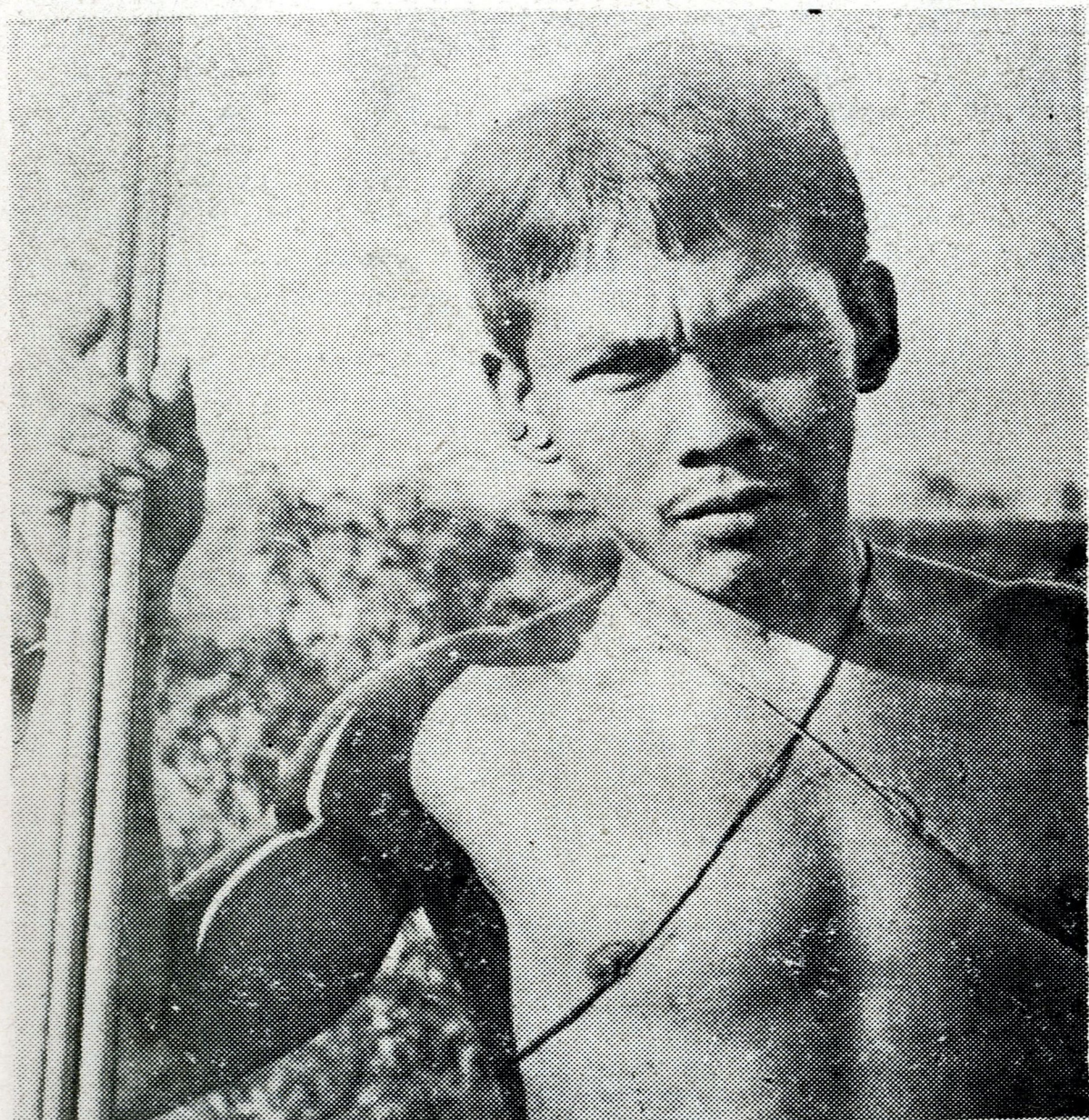
O folclore Mundurucú, de modo idêntico, denota influências estranhas ou de fora, embora muitos desses traços emprestados sejam indubitavelmente de origem pré-contacto. Em comum com outros povos Tupi, os Mundurucú compartilham a crença no Yuruparí que, segundo



Mulheres trabalhando na fábrica de farinha

acreditam, viaja às vezes disfarçado em bôto. A história da tartaruga e da lebre, de origem africana, é encontrada como a anedota amazônica do jabotí e do veado. A lenda germânica de Hansel e Gretel é apenas escassamente velada na história das duas filhas da aranha que foram abandonadas na floresta pelo pai, também uma aranha. Sincretismo idêntico é ilustrado pelas histórias de origem cristã. Um exemplo disso pode ser visto na versão que se segue, condensada, e de origem Mundurucú, sobre a Crucificação e a Ressurreição:

“Nos dias de outrora, Karusakaibö (o herói cultural Mundurucú que se identifica com Cristo, nesta história) realizava muitas coisas mara-



Caçador Mundurucú da aldeia de Cabitutú. Os homens dos campos ainda usam os paus de orelha.

vilhosas. Seu povo (os Mundurucú) , vendo êsses milagres, suspeitou que êle fôsse um feiticeiro e o matou com flechas. Depois enterrou-o e colocou volumosa pedra sôbre a sua sepultura. Mas êle voltou à vida e irrompeu da tumba com tal força que criou as colinas circunvizinhas. Karusakaibö ficou zangado com os Mundurucú pelo tratamento que dêles recebeu. Deixou-os e desceu o Tapajós, em direção ao Pará, e dali se dirigiu para a Alemanha e América do Norte (estas duas últimas nações estrangeiras são conhecidas dos Mundurucú por serem a terra natal dos misisonários e dos autores dêste trabalho, respectivamente) . Lá êle

ensinou muitas coisas e, por essa razão, aqueles povos são civilizados e sabem muitas coisas, enquanto que os Mundurucú nada sabem”.

Os pontos gerais, acima enumerados, da perda de cultura e dos empréstimos, dão apenas uma sugestão a respeito da severa modificação sofrida pela cultura Mundurucú. A escala e a maneira de se processar a alteração cultural têm sido diferentes entre êsses três grupos distintos de Mundurucú. Torna-se necessário um estudo rápido de cada um dêles, para completar esta descrição sumária dos Mundurucú contemporâneos.

OS CAMPINEIROS — A região de savanas, a leste do alto Tapajós, estende-se das cabeceiras dos rios Cadiriri, Cabitutú e das Tropas, em direção ao sul, até quase às margens do rio Cururú. Dentro dessa região há extensas “ilhas” florestais e as florestas marginam todos os cursos d’água. E’ nessas matas que os Mundurucú caçam e fazem suas roças, de vez que no terreno arenoso das savanas medram apenas a grama rasteira e a vegetação diminuta. Perto do Cururú, a região aberta está situada em pequena elevação e é periodicamente inundada em muitos lugares. Todavia, três ou quatro horas de marcha ao norte do curso d’água nos conduz a uma região de colinas altas, de florestas e de outeiros cobertos de capim. É nessas últimas elevações que os Mundurucú têm tradicionalmente construído suas aldeias e é ali que estão situadas as sete aldeias remanescentes das savanas. Duas delas, Cauí e Parauaroktiká, estão mais perto do Cururú do que as outras cinco e têm o seu maior intercâmbio comercial e social com aquele rio. As demais, Cabruá, Cabitutú, Decodyém, Arö e Aipká, são menos acessíveis ao Cururú e mantêm relações comerciais com os patrões do rio Tapajós. Uruá, que não aparece no mapa anexo, não é, propriamente falando, uma aldeia da savana, pois está localizada na floresta, a cerca de três horas de marcha do Tapajós. As populações aproximadas das aldeias são:

Cauí.	25
Parauaroktiká.	30
Cabruá.	70
Cabitutú.	40
Decodyém.	50
Arö.	80
Aipká	50

Parauaroktiká não possui casa-de-homens e suas residências são do tipo brasileiro, de pau-a-pique. As outras seis aldeias preservam a organização dos homens e a disposição, em círculo, das casas em volta de uma praça central. As casas residenciais tornaram-se menores, desde o século passado, em virtude do decréscimo em tamanho das famílias. Também foi abandonado o chão de forma elítica e o arcabouço se aproxima bem mais do tipo brasileiro de casas do que do velho estilo Mundurucú. As paredes ainda consistem de grandes folhas de casca de tauari, atadas às vigas por meio de cipós.



"Tingajada" no Igarapé Iririri, afluente do Rio Cururú

Os campineiros abandonam suas aldeias rumo às estradas individuais de borracha, por volta de maio ou junho, e, de um modo geral, retornam a tempo para o plantio de setembro. Como todos os Mundurucú não gostam da vida de seringueiro mas a aceitam como um mal neces-



*Warumanauatpo, chefe da aldeia de Missão Velha,
às margens do Rio Cururú*

sário e como o cumprimento de uma obrigação tradicional para com o patrão. Muito poucos Mundurucú produzem tanta borracha quanto o mais indolente seringueiro brasileiro e, entre todos, é o campineiro quem



*Mãe Mundurucú, com seus filhos, dentro de casa.
Rio Cururú*

menos produz. Os componentes das várias aldeias ficam muito espalhados durante a safra de borracha. Os da Cauí cortam no Cururú e os residentes de Parauaroktiká mudam-se para esse rio ou para mais abaixo, para o igarapé Parauaroktí. Os Mundurucú das cinco aldeias das savanas mais ao norte transportam-se em direção ao setentrião, durante a

estação seca. Toda a população da aldeia Cabitutú e a maior parte dos habitantes da Cabruá se transferiu para o rio das Tropas. Os residentes das outras aldeias das savanas, Aipká, Arö e Decodyém, colhem borracha no rio Cadirirí. A produção de borracha do Cadirirí e do Cabitutú é comprada, principalmente, pelo entreposto comercial de Sái Cinza e a do rio das Tropas é dividida entre os negociantes, em Cabruá (um barracão no rio das Tropas) e em São Martinho.

Os campineiros têm seus contactos mais frequentes com a população civilizada durante o tempo em que se encontram nas estradas de borracha. Também, durante o período da safra, muitos civilizados coletores de borracha percorrem os tributários. Os negociantes fazem visitas periódicas para levar o latex defumado e a maioria das famílias, durante essa época, faz pelo menos uma visita ao posto comercial. Pequena parcela de visitas mútuas se verifica entre os índios e os seringueiros brasileiros dos tributários. Durante as chuvas, depois que os Mundurucú voltam às suas aldeias, essas associações não são frequentes. Ocasionalmente, um comerciante sobe o rio cheio, para comprar farinha, castanha e couros.

As relações entre os Mundurucú e seus vizinhos brasileiros são boas. Os patrões têm considerável influência sobre os índios, e a hostilidade e a desconfiança com relação aos primeiros, embora quase sempre presentes, são usualmente suprimidas. Os seringueiros brasileiros locais e os trabalhadores estão, geralmente, em excelentes relações com os índios e os conflitos apenas se verificam em virtude da perseguição que às mulheres índias fazem homens civilizados. Todos os residentes do Tapajós concordam em que os Mundurucú são gente amiga e bons trabalhadores. Todavia, a despeito da tradicional amizade entre os Mundurucú e os habitantes da região, os dois grupos se conservam socialmente à parte. O sentimento de grupo é forte entre o índios e suas relações com os brancos são apenas num nível intermitente e superficial.

Os autores deste trabalho passaram vários meses na aldeia de Cabruá e, desde que essa é uma comunidade típica das savanas, uma descrição da mesma corresponderá às demais. Cabruá está localizada numa elevação coberta de grama, acima cerca de trinta metros de um curso d'água que passa nas redondezas. Consiste de cinco casas cujas paredes são de casca ou cortiça e da casa-de-homens, todas tipicamente dispostas em círculo. Irradiando para fora da aldeia há uma quantidade de caminhos ou picadas que levam às roças, na floresta próxima, e a pontos mais distantes. Um caminho vai ao porto do rio Cabruá, enquanto que outro leva ao porto do Cabitutú. Ambos ficam a cerca de quatro horas de viagem, a pé, da aldeia. Os outros três principais caminhos dirigem-se um para o sudoeste, à aldeia de Parauktiká, outro para oeste, para Cabitutú, e o último para o posto comercial de Cabruá, a noroeste. Neste lugar, que fica a um dia de viagem da aldeia Mundurucú de



Mulher Mundurucú amamentando o filhinho. Atrás vêem-se as casas da aldeia de Missão Velha, Rio Cururú

igual nome, encontra-se o núcleo brasileiro mais próximo. Todos os demais ficam a dois ou três dias de viagem por terra e por água.

A despeito de seu longo conhecimento de viagens fluviais, os cam-pineiros ainda continuam amantes do transporte por terra. Apenas duas canôas possuem os residentes do Cabruá. Uma é conservada no rio Ca-

bitutú, onde seu proprietário corta borracha, e a outra guardada no rio das Tropas. Ninguém, na aldeia Cabitutú, é dono de uma canôa e seus habitantes têm que tomar emprestada a que pertence à Cabruá, para viajarem no rio Cabitutú.

O isolamento dos principais cursos d'água e a falta de canôa impedem completamente que os campineiros se dediquem à pesca, durante a época chuvosa. No verão, quando residem em suas casas nas estradas de borracha, pescam às margens do rio com arco e flecha e timbó. A principal fonte de proteína, durante o inverno, é fornecida pela caça. No Cabruá é esta levada a efeito quase diariamente, quando não há chuvas fortes. Arcos e flechas são comumente usados, embora cinco homens possuam armas de fogo. As outras aldeias das savanas não são tão bem armadas. A técnica aborígene de caçar em grupo ainda é usada. Os principais animais que caçam são a anta, o queixada, o caetitú, o veado, o macaco e a paca. Os cães são utilizados para farejar e acuar os animais. Cada aldeia Mundurucú tem sua matilha de cães pequenos, magros e de unhas afiadas. Invariavelmente há mais cães do que são necessários para a caça, de vez que os índios devotam profunda afeição aos mesmos e abominam a idéia de matar os excedentes. São sempre subalimentados e brabos, e o visitante a uma aldeia Mundurucú é advertido de que deve entrar com um pedaço de pau na mão para defender-se contra o inevitável e rosmento ataque.

Cada campineiro adulto, do sexo masculino, tem sua própria roça, que é limpa pelo esforço coletivo de todos os homens da aldeia e plantada de mandioca com a cooperação da aldeia inteira. A plantação dos vegetais de menor importância é geralmente feita pelas mulheres da casa em que ele vive. A colheita de tôdas as safras é feita pelas mulheres que são também responsáveis pelo preparo da mandioca.

Os Mundurucú adotaram a farinha d'água brasileira e, agora, apenas de vez em quando fazem beijú. Um telheiro pequeno, com os lados abertos, para a fabricação da farinha, fica situado no meio da praça da aldeia de Cabruá. Sob ele acham-se a panela torradora de cobre e o forno, uma gamela de madeira dentro da qual se rala a mandioca, panelas de alumínio para receber a tapioca, vasos ou recipientes de louça onde se lava a mandioca raspada, o tipití para espremer o ácido prúsico contendo o líquido da polpa da mandioca, e os ralos. Estes últimos, feitos anteriormente da raiz da palmeira pachiúba, são agora obtidos com buracos em chapas de metal, cortadas de latas de gasolina de cinco galões.

A farinha é preparada por tôdas as mulheres da casa do dono da roça. Elas são auxiliadas por tôdas as outras mulheres da aldeia e cada família que coopera recebe uma pequena porção do produto final. O grosso da farinha, todavia, vai para a despensa comum na casa do proprietário da roça. Não é a farinha, de resto, o único alimento partilhado.



Grupo de mulheres Mundurucú com seus filhos

A caça, e morta em quantidade suficiente, também é igualmente dividida e distribuída a todas as famílias da aldeia.

O tamanho da casa familiar diminuiu consideravelmente desde os tempos aborígenes. No Cabruá, quando de nossa visita, a média da população de uma casa era de 20 pessoas e consistia de apenas 3 ou 4



*Homem Mundurucú descansando, à tarde, Note-se o ban-
quinho de tipo indígena, sob a rede*

núcleos familiares (*). A regra matrilocal ainda prevalecia, mas com inúmeras exceções. Cada casa tinha apenas um fogão, e refeições comunitais eram costumeiras. Se uma pequena caça, todavia, era abatida, não se distribuía e era comida pelo núcleo familiar do caçador. Tal ex-

(*) A expressão "núcleo familiar", aqui empregada, refere-se ao homem, mulher e filhos. Ligados a essa unidade biológica estão, geralmente, um ou dois parentes consanguíneos.



Uma casa de Cabruá. Note-se a diferença entre essa e as do Rio Cururú

clusividade não era habitual e a não divisão do alimento, pelo menos dentro da própria casa, era considerada repreensível.

A casa-de-homens, no Cabruá, é uma pequena construção, se comparada à dos dias idos. Todavia, ainda é o dormitório, o local de reunião social e a oficina de trabalho de todos os homens. Estes, geralmente, pelo menos uma refeição fazem ali cada dia.

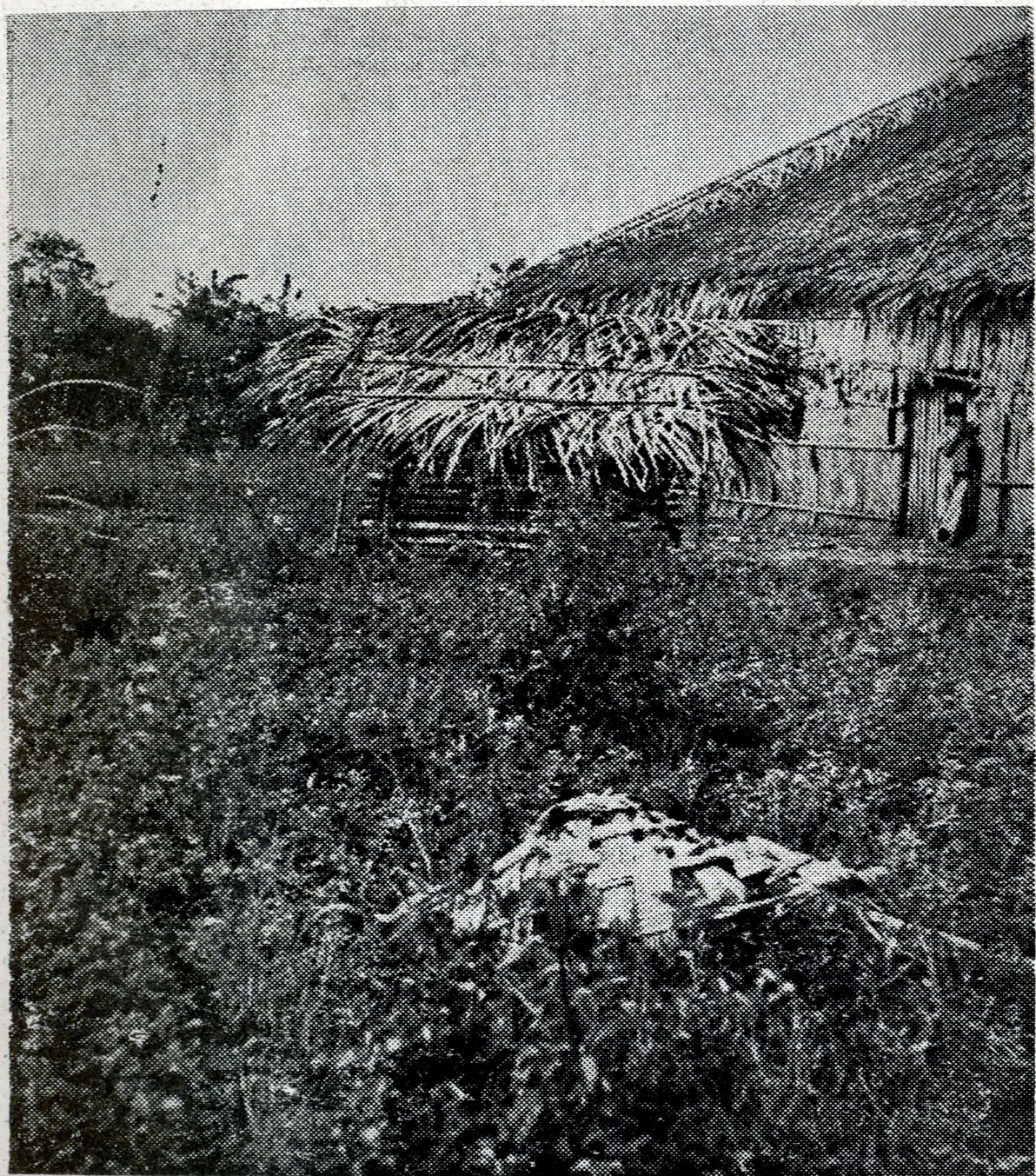
Anteriormente, apenas os rapazes que houvessem completado a tatuagem tinham permissão para se tornarem membros da organização dos homens; agora, porém, eles começam a viver nas casas-de-homens "tão logo atingem a capacidade de ereção". Os velhos interpretam isso como sinal de precocidade e falta de respeito da parte dos jovens, mas nada fazem para excluí-los.

Dentro da casa-de-homens, os da metade Vermelha dormem no lado sul, enquanto que os membros da metade Branca o fazem ao norte. Os desenhos geométricos, que são os braços totêmicos dos clans, eram ligeiramente percebidos nos principais suportes verticais. Na parte posterior da casa-de-homens estão os recipientes de louça e as flautas usadas nas velhas cerimônias dos espíritos dos animais. O dormitório não tem paredes, mas, junto a ele está o pequeno quarto ou câmara, coberto nas paredes com colmo, no qual são guardadas e tocadas as trombetas sagradas. As mulheres podem, ocasionalmente, entrar no dormitório, durante breves períodos, se têm algo a fazer ali, mas o quarto das trombetas lhes é proibido sob pena de sofrerem violência em massa.

A aldeia, a casa de residência familiar e a organização dos homens, são pontos centrais da sociedade, entre os campineiros. Os vários papéis e regulamentos associados com o parentesco são fatores básicos de organização nas três instituições e são, também, importantes em outros sentidos. O tabú referente ao casamento ou relações sexuais entre os membros da mesma metade ainda é observado, em Cabruá e nas outras aldeias das savanas. Identidade dos clans e das metades, e os sentimentos e obrigações de fraternidade para seus membros, estilizam o comportamento inter-pessoal, como o fazem os gracejos padronizados e a intimidade sexual, ocasionalmente permissível, com os membros da metade oposta.

O respeito dos jovens pelos velhos é marcante, entre os Mundurucú. A despeito do papel culturalmente inferior que lhes é atribuído, esse respeito é extensivo, também, às mulheres velhas. Todavia, devem ser honrados, acima de tudo, os parentes mais velhos. Isso se transforma em tabú em se tratando de mencionar o nome de um parente mais velho já falecido. Essa proibição tornou difícil a coleta de genealogias, porque os informantes diziam: — "Nós não somos como a gente civilizada, que se refere aos nomes dos seus mortos como se eles fossem crianças".

O prestígio geralmente acompanha a idade, e o chefe da aldeia de Cabruá era respeitado tanto pela sua condição de homem mais velho como pela sua posição de chefe. Ele devia a posse do cargo a um dos negociantes locais, que o reconheceu como sendo o homem que tinha direito de representar a aldeia nos negócios. Essa continuação do padrão de chefe como intermediário junto ao patrão, era grandemente uma ficção. Enquanto que a aldeia, no século XIX, e como um todo, tinha apenas uma conta, hoje, o negociante mantém um registro dos débitos e créditos de cada homem. Ao chefe é agora dito pelo patrão que ele é responsável por esses débitos, apenas para garantir uma produção maior de borracha.



*Casa de Cabruá tendo à frente uma gaiola para o porco
do mato domesticado*

Em Cabruá, todos possuem roupas. Todavia, as mulheres mais idosas frequentemente trabalham despidas, e os homens sempre caçam nus. A razão disso é o alto preço para substituir a roupa rôtá ou usada, mais do que o desejo da nudez. Poucos mosquiteiros há em Cabruá e tôdas as redes são feitas pelas mulheres, de algodão plantado perto da aldêia.

A despeito de sua dependência dos recipientes e panelas de metal, os potes típicos dos Mundurucú, no formato de sino, são fabricados pelas mulheres. Inúmeros artigos de manufatura exterior são encontrados em Cabruá, mas, em comparação ao povo do Cururú, a população é pobre.

Essa pobreza relativa do campineiro é reconhecida por todos os Mundurucú e pelos seus vizinhos civilizados, como sendo resultado dos preços altos dos patrões e da sua baixa produção de borracha "per capita".

O velho estilo de ornamentação do corpo está, agora, sendo rapidamente relegado ao passado. É frequente a pintura com o urucú e o genipapo, mas a tatuagem extensiva ao corpo, à face e aos membros, anteriormente praticada, entrou em declínio entre os homens, há cerca de 15 ou 20 anos atrás, e, entre as mulheres, durante os últimos cinco anos. A causa disso é encontrada na ausência de interesse e no menos rigoroso controle exercido, hoje, pelos mais velhos sobre os jovens. A tatuagem constitui um processo demorado e penoso e os jovens costumavam resistir ao mesmo até o ponto de fugirem. O costume persistiu por um período mais longo entre as mulheres, devido ao fato de que a autoridade dos pais pode ser exercida mais facilmente sobre elas. É duvidoso que a tatuagem tenha sido praticada no rio Cururú, durante os últimos vinte anos. A velha tonsura Mundurucú desapareceu igualmente. Hoje, eles cortam o cabelo à maneira do povo civilizado do rio.

As condições de saúde são mais pobres, entre os campineiros, do que no Cururú. O auxílio médico mais próximo é encontrado no rio Cururú, e muito poucos se dão ao trabalho de fazer a viagem. A malária, geralmente adquirida nas estradas de borracha, é uma das doenças mais comuns. A falta de mosquiteiros torna os índios particularmente vulneráveis. As duas outras enfermidades mais comuns são a disenteria, amebica e bacilar, e as infecções pulmonares. Talhos e golpes infeccionados são fontes de sofrimentos para os Mundurucú e para os civilizados da região. Uma medida de proteção contra as doenças epidêmicas é dada pelo isolamento geográfico das aldeias das savanas.

O RIO CURURÚ — Os Mundurucú do rio Cururú diferem dos campineiros em muitos aspectos, dos quais um dos mais importantes é a sua localização num curso d'água navegável, produtor de borracha. No Cururú, há maior dependência da pesca e do transporte fluvial do que nas savanas, e as aldeias são mais acessíveis aos contactos do comércio exterior. Ao norte, o rio é limitado por um cinturão de florestas de variada profundidade, pois em alguns lugares as savanas se estendem até às suas margens. A terra, perto do rio, é baixa, mas gradualmente se vai elevando até atingir o terreno montanhoso, aberto. O lado meridional do rio é consideravelmente mais alto e completamente cheio de floresta.

Há cerca de 12 núcleos Mundurucú de 3 a 11 casas, além de vários agrupamentos menores, no Cururú. Estes estão espalhados ao longo das margens do rio, desde perto de sua foz até a cachoeira de Crepotiá. Acima deste ponto, o rio é deshabitado. O Posto Mundurucú, do Serviço de Pro-



Mulher Mundurucú e sua filha, em Cabruá

teção aos Índios, está localizado a cerca de um terço da distância da boca do Cururú à cachoeira de Crepotiá, enquanto que a missão está situada a meia viagem. Dos 700 índios que vivem no curso d'água, aproximadamente 500 estão na missão ou acima dela, enquanto que os demais 200 moram rio abaixo.

Em 1941, uma área de terra, incluindo todo o rio Cururú e todo o rio das Tropas, exceto as localidades mais baixas, Cabitutú e Cadirirí, foi pos-

ta à margem, como reserva para os índios Mundurucú. O Posto Indígena Mundurucú, do Serviço de Proteção aos Índios, foi estabelecido, naquele ano, na pequena aldeia indígena conhecida como Pedro Apompo. A aldeia tornou-se o núcleo para o novo posto que, presentemente, se compõe de um barracão, uma escola, uma oficina, um dispensário médico e uma estação de rádio, além de 8 residências. O posto possui duas lanchas Diesel, que são utilizadas no comércio com os índios e para transporte no rio Tapajós.

O pessoal brasileiro é constituído pelo chefe, um assistente, um enfermeiro, um rádio-telegrafista, um amanuense, um piloto fluvial e alguns mecânicos. Todos os demais empregados, tais como roceiros, operários, pescadores e as tripulações das lanchas, são índios. Alguns foram treinados como mecânicos e pilotos. O restante dos 80 a 100 índios, residentes no posto, são seringueiros e suas famílias, que vivem ali apenas durante a estação das chuvas. A escola aceita unicamente os filhos dos

A missão está distante do posto cerca de seis horas, rio acima, em índios e das famílias civilizadas que vivem no posto. lancha a motor, e existe desde 1911. Estabelecida por Frei Hugo Mense, sua primeira localização foi perto do ponto onde se encontra a atual aldeia Mundurucú de Missão Velha. Devido ao local ser pouco favorável, foi ela mudada, posteriormente, para a atual posição, cerca de quatro milhas rio abaixo. As facilidades materiais da missão incluem uma casa de dois andares, que serve de residência para os padres e de dormitório para os rapazes; outra casa, maior, de dois andares, contendo a cozinha, refeitório, dormitório das moças, uma sala de aula e os aposentos das freiras; uma oficina e um gerador turbo-elétrico; a igreja e cerca de uma dúzia de residências indígenas. Os únicos elementos de origem não silvícola, na missão, são o pessoal religioso, que consiste de 3 padres da Ordem dos Franciscanos, um irmão Franciscano e seis freiras. Todos os operários mecânicos e membros das tripulações das embarcações são índios que se educaram na missão.

Durante o inverno, quando todos retornaram das estradas de borraça, há aproximadamente 200 Mundurucú vivendo na missão. Em aditamento, cerca de 40 crianças silvícolas frequentam um internato, na missão, onde recebem instrução religiosa, aprendem o português, leitura e escrita. Essas crianças são recrutadas entre as famílias indígenas do Cururú, quando contam 5 a 10 anos, e ficam ali até atingirem os 15 ou 16 anos. Então, estão prontas a se tornarem auto-subsistentes, economicamente, e a se casarem.

Com a criação da área reservada aos Mundurucú, o rio Cururú tornou-se efetivamente inacessível aos comerciantes do Tapajós. Também os seringueiros civilizados não mais trabalham no Cururú. O intercâmbio comercial dos índios, no curso d'água, está agora inteiramente nas mãos da missão e do posto. Embora ambos façam viagens comerciais vez por outra, em tôdas as partes do rio, a missão tem maior contacto com os ín-



Interior da casa-de-homens. No lado direito dormem os da "metade" branca e no esquerdo os da vermelha

dios que ficam acima da aldeia do Morro, e o posto com os que se situam abaixo. Também os índios visitam a ambos, para fins comerciais. Na missão, essas visitas geralmente combinam motivos de comércio e religião.

A existência de um número considerável de seringueiras, ao longo das margens do Cururú, poupa aos índios do rio a necessidade de jornadas terrestres, a que estão sujeitos os campineiros. Os índios cujas es-

tradas de borracha estão perto de suas aldeias não têm que efetuar migrações anuais. Os outros geralmente têm as estradas de borracha a poucas horas de viagem em canôa, partindo da aldeia, e podem a esta fazer visitas frequentes, vindos de suas casas provisórias de verão. Os forçados a fazer viagens cobrindo distâncias maiores têm, ao menos, a vantagem do transporte por água. Um dos resultados imediatos desta conveniência relativa da vida no rio Cururú é que um período maior para a colheita de borracha se torna possível, porque é exequível voltar à estrada de borracha, depois de plantar a roça. Os residentes do Cururú geralmente cortam borracha até os últimos dias de outubro ou novembro.

Os Mundurucú do Cururú não apenas cortam mais borracha do que os campineiros, mas têm uma atitude diferente, em relação a essa atividade. Existe, entre eles, em proporção maior do que entre os seus irmãos das savanas, o sentimento de que trabalhar nas estradas de borracha, embora não se constitua uma ocupação agradável, é, todavia, boa e desejável. A ambição de bens materiais parece ser um processo cumulativo entre os Mundurucú. À medida que aumentam as suas posses, crescem, também, as suas necessidades e desejos de novos artigos. Também a perda de seus objetos nativos os torna grandemente dependentes do comércio. O resultado é que a população do Cururú tem perdido muito de sua auto-suficiência aborígene. Os campineiros, também, desejam os artigos de comércio, mas ligam-lhes menos importância, já pela limitação física da colheita de borracha, imposta pela localização remota de suas aldeias, já pelo fato de que não dependem tanto dos resultados do negócio, uma vez que se acham num grau menor de envolvimento pela economia da borracha.

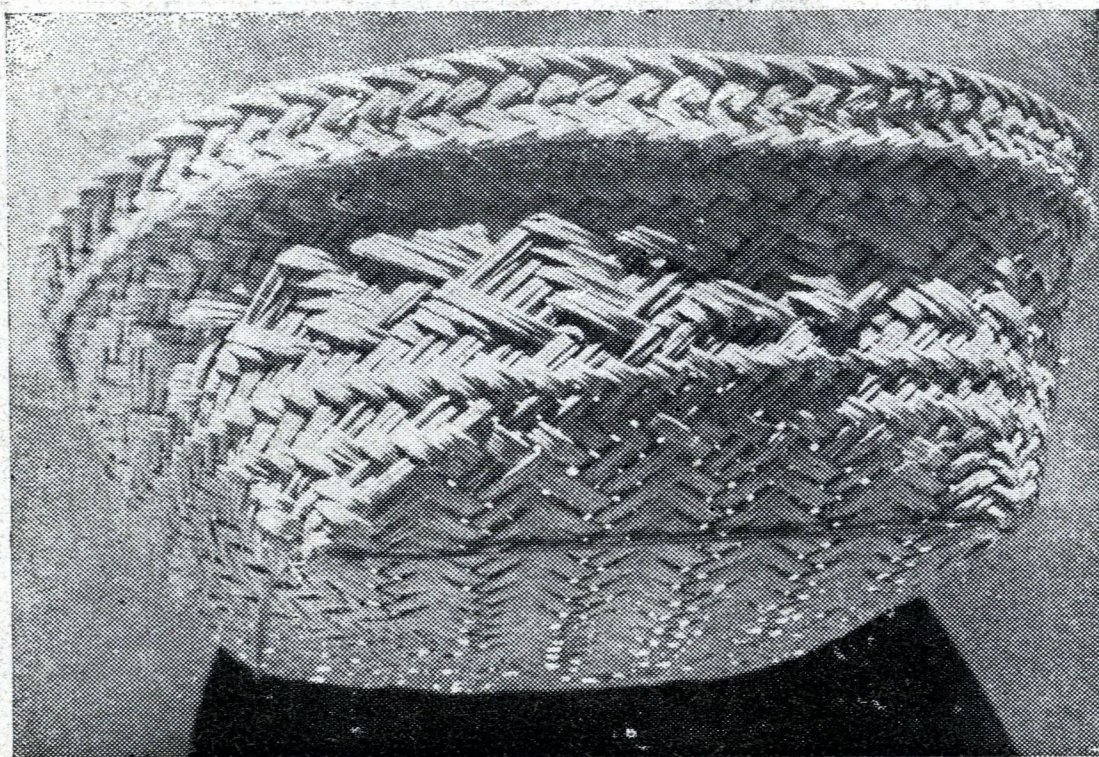
O rio Cururú tem visto o virtual desaparecimento das artes referentes à manufatura de redes e de louça de barro. Não apenas se possui mais roupa, mas um valor maior é agora atribuído aos atavios. Essa ênfase, por seu turno, leva ao desejo das tesouras, material de conserto e agulhas para coser, pois muitas mulheres do Cururú aprenderam costura na escola da missão. Por outro lado, a vida no Cururú, como foi dito, converteu esse setor dos Mundurucú num povo ribeirinho. Desde que a arte de fabricar canôas ainda não é largamente conhecida entre eles, essas canôas têm de ser adquiridas. Um número infinito de exemplos da maior dependência dos habitantes do rio, no tocante aos objetos de manufatura externa, poderia ser citado. Todavia, estes bastariam para indicar a tendência dos povos aborígenes de se tornarem mais acentuadamente e mais intrinsecamente envolvidos na economia do homem branco, depois que entram em contacto com ele.

A perda da cultura Mundurucú, no Cururú, pode ser observada em categorias outras que não as da cultura material. As aldeias consistem de uma porção de casas de argamassa e palha, quadradas, colocadas numa clareira sem qualquer arranjo especial. A casa-de-homens e as trombetas sagradas não se encontram mais em nenhuma aldeia do Cururú.



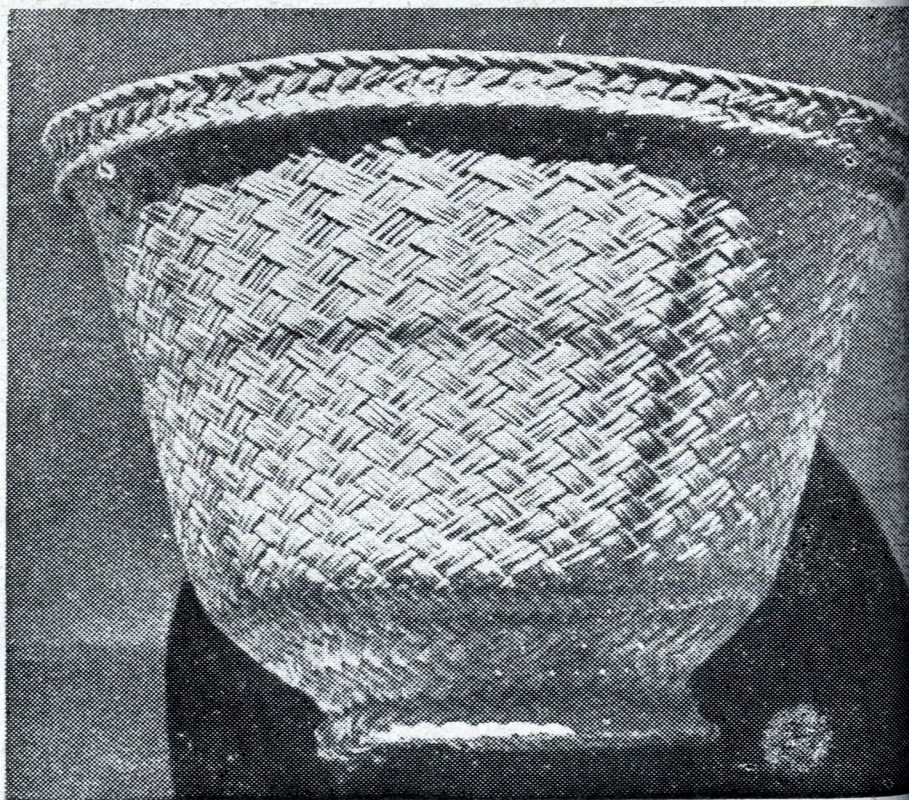
Outra vista do interior da casa-de-homens. Ao fundo estão a parede divisória e a entrada do quarto onde se guarda a trombeta sagrada, cujo acesso é proibido às mulheres

As casas são geralmente muito menores do que as das savanas e menor é a média dos habitantes de cada uma. A diminuição do tamanho da casa é produto de uma alteração na sociedade Mundurucú, que teve lugar desde a mudança para o Cururú. O tamanho das casas e das famílias

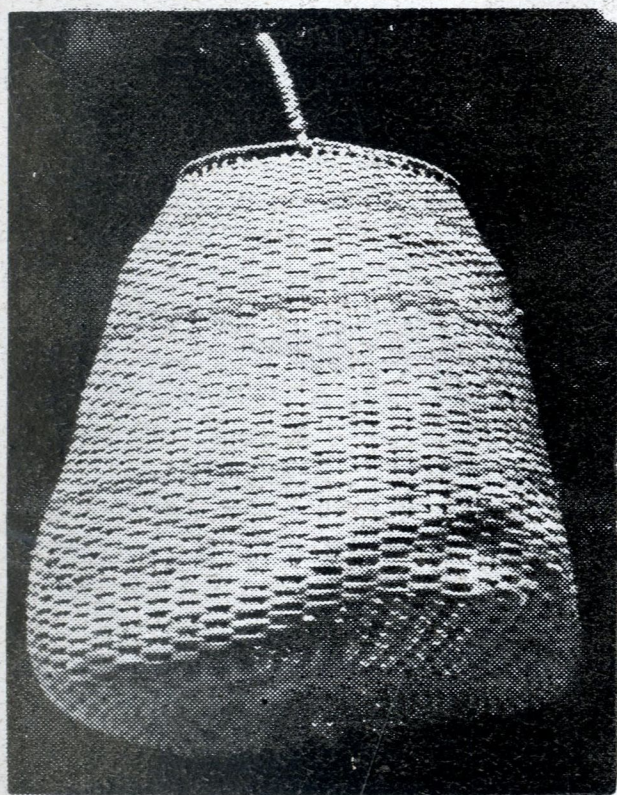
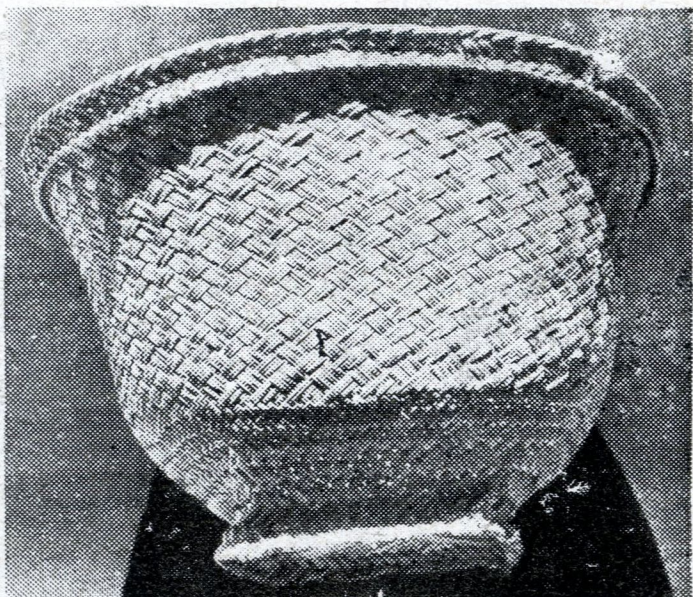
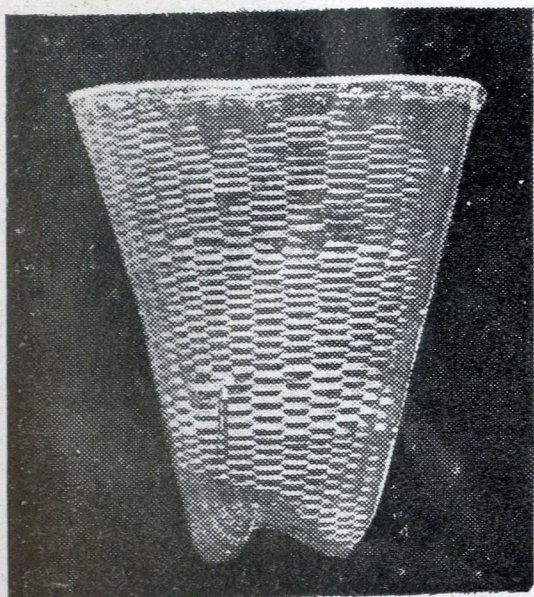


CULTURA MATERIAL

Ao alto: Baláio. Em Mundurucú: "mba - a"
Feito de tiras de tucumã. Em baixo: Baláio. Em Mundurucú: "badaia-á" (nome de influência portuguesa). Pintado com urucú e feito de tiras de tucumã.



tornara-se menor, nas savanas, devido, principalmente, a um lento processo de despovoamento. Todavia, no Cururú, essa alteração foi drástica, pois a família extensa não é mais o primário grupo familiar, tendo ce-



CULTURA MATERIAL

Ao alto: cesto de carregar. Em Mundurucú: "ichu-a-a". Feito de cipó chichica. — Baláio. Em Mundurucú: "badaía-á" (nome de influência portuguesa). Feito de tiras de tucumã. Sem pintura. Em baixo: Cesto. Em Mundurucú: "ishibo-a-a". — Usado pelas mulheres, como depósito de miscelâneas de uso pessoal. Feito de cipó traira.

dido lugar a uma família nuclear. Igualmente, várias formas de coletividade econômica, tais como a caça e o cuidado da roça, ou diminuíram de importância ou desapareceram. Consequentemente, a família nuclear assumiu não apenas funções econômicas anteriormente pertencentes às unidades maiores, mas também ganhou importância, como unidade principal do cuidado da infância e da participação social. Em resumo, os Mundurucú dessa área tornaram-se, em comum com muitos outros abo-

rígenes aculturados, mais individualizados. (19). Esse processo foi complementado pelos esforços da missão, visando reforçar e estabilizar a família nuclear e os laços do matrimônio. O divórcio e o adultério, embora não raros no Cururú, são mais comuns entre os campineiros. Também os laços consanguíneos e os tabús sexuais entre as metades, são mais fracos, no Cururú.

A religião Mundurucú declinou mais rapidamente no rio Cururú do que nas savanas. Não se realizam cerimônias, embora o "shamanismo" seja comumente praticado, e ocorram, algumas vezes, mortes por feitiçaria. A mitologia e outras crenças de natureza religiosa estão decadentes. A influência dos missionários muito tem feito para eliminar a religião nativa, mas a falta crescente e geral de interesse na cultura aborígene tem contribuído para o mesmo fim. Todos os Mundurucú têm sido batizados, embora os campineiros pouco entendam do Cristianismo. No Cururú, o maior conhecimento das crenças e práticas cristãs é daqueles que têm comparecido à escola da missão e dos que nesta última residem.

Temos, neste artigo, falado dos "Mundurucú do Cururú" e dos "campineiros", como dois grupos distintos, geograficamente, e, após 20 anos de mudanças culturais, culturalmente. Essa separação é mais do que uma distinção metodológica, pois os Mundurucú, por si mesmos, fazem uma diferenciação similar. As distâncias que separam os dois grupos e o fato de que eles mercadejam em lugares muito distantes uns dos outros, resultou no decréscimo de contacto entre eles. A perda de cultura que se verificou no Cururú tornou os Mundurucú daquele rio acentuadamente auto-conscientes do seu estado atual. Exteriormente, eles pretendem desprezar e diminuir o campineiro, chamando-o de "preguiçoso", "sujo", "pessoa que não sabe como se comportar devidamente", "povo que cheira a fumaça", e de vários outros epítetos. Na realidade, admiram e respeitam os campineiros como preservadores da velha cultura e por serem ainda capazes de desencadear uma guerra. Esta última crença é completamente errônea, mas indicativa da falta de comunicações entre os dois grupos. Eles também temem os campineiros como poderosos feiticeiros, e, por esse motivo, procuram evitar contactos com os mesmos. Os campineiros, por seu turno, consideram o povo do Cururú como "estrangeiros" e se resentem da sua falta de sociabilidade. Não há tantos casamentos entre os grupos, como se poderia esperar, pois a maioria dos jovens do Cururú têm medo de ir às savanas, e as mulheres do Cururú não querem os campineiros para marido, porque entendem que eles não cortariam tanta borraça e, portanto, não seriam capazes de sustentá-las convenientemente. Esse alheamento é mais evidente entre os mais jovens e os residentes do Cururú de maior aculturação. Muitos informantes mais idosos e mais in-

(19) Para análise desse processo, vide Murphy, 1954.

teligentes defenderam os campineiros e deploraram a atual falta de unidade dos Mundurucú.

RESIDENTES MUNDURUCÚ DO RIO TAPAJÓS — Pouco precisa ser dito a respeito dos restantes 200 Mundurucú que vivem entre a população brasileira do Tapajós. Índios ou famílias, individualmente, podem ser encontrados dispersos de São Luiz a Barra, trabalhando como seringueiros ou adidos ao estabelecimento de um patrão. A maioria tem pouco contacto com seus irmãos Mundurucú e tornou-se como que parte da sociedade brasileira local. Quase todos falam português e pouco esforço fazem para preservar a cultura Mundurucú. São comuns os casamentos de suas filhas com os brasileiros, mas a união de uma brasileira com um índio é considerada repreensível pelos civilizados e é, assim, pouco frequente. Estes Mundurucú estão aos poucos perdendo a sua identidade e passando a integrar aquela população brasileira, amorfa e inclusive rural no todo, geralmente conhecida pela denominação de "caboclos".

BIBLIOGRAFIA (*)

Agassiz, Prof. and Mrs. Louis.

1869. *A Journey in Brazil*, Boston.

Almeida Serra, Ricardo F. de

1869. Navegação do Rio Tapajós para o Pará. *Revista do Instituto Histórico Brasileiro*, vol. 9, Rio de Janeiro.

Bates, Henry W.

1863. *The Naturalist on the River Amazon*, London.

Bettendorf, João F.

1910. *Chronica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*, Rio de Janeiro.

Chandless, W.

1870. Notes on the Rivers Maués-assú, Abacaxis, and Canumã, Amazonas. *Journal of the Royal Geographical Society*, vol. 40, London.

Coudreau, Henri.

1897. *Voyage au Tapajós*. Paris.

Horton, Donald.

1948. The Mundurucú, in the *Handbook of South American Indians*, vol. 3, J. H. Steward, ed., Bureau of American Ethnology Bull. 143, Washington.

(*) Esta é uma bibliografia parcial que inclui apenas os trabalhos referidos no presente estudo. Para uma lista mais completa de fontes relativas aos Mundurucú, o leitor deve consultar Horton, citado acima.

Martius, Karl F. P. von,

1867. *Beitrage zur Ethnographie und Sprachenkunde Sudamerikas*, vol. I. Leipzig.

Monteiro Noronha, José.

1862. *Roteiro da Viagem da Cidade do Pará até as ultimas Colonias dos Dominios Portugueses em os Rios Amazonas e Negro*. 1768. Pará.

Murphy, Robert F.

1954. *The Rubber Trade and the Mundurucú Village*. University Microfilms, Ann Arbor, Michigan.

Spix, Johann B. von and Martius, Karl F. P. von.

1831. *Reise in Brasilien*, vol. 3. Munich.

Tocantins, Antonio M. G.

1877. Estudos sobre a tribo "Mundurucú". *Revista do Instituto Histórico Brasileiro*, vol. 40, pt. 2, Rio de Janeiro.

Wagley, Charles e Galvão, Eduardo.

1946. O Parentesco Tupi-Guarani. *Bol. do Museu Nacional, Antropologia*, n. s., n. 6, Rio de Janeiro.



AMAZONAS

GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98).

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail: acervodigitalsec@gmail.com

